

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1889 | Número: 6

Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 6 (4) Out.-Dez. 1889, p. 167-181.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ESTUDOS SOBRE O *TURF*

(Continuado da pag. 131)

TERCEIRA PARTE

Training

II

Como nos não pareça que haja uma grande differença entre a preparação do cavallo de corridas planas e do animal destinado ás corridas de obstaculos, por isso que um e outro precisam, antes de tudo, adquirir força, velocidade e *fundo* — fim a que visa todo o *training* racional — vamos primeiramente vêr como se deverá fazer adquirir, aos cavallos d'aquellas duas categorias, estas excellentes qualidades, e em seguida diremos alguma coisa tambem sobre a preparação especial dos saltadores.

Antes de se sujeitar qualquer d'aquelles dois typos de cavallos ao regimen da preparação, é de toda a conveniencia examinal-os bem, pois só assim se poderá ter uma tal ou qual base para lhe dar a quantidade de trabalho que mais convenha á sua organização. Só guiado pelo estudo d'estas considerações é que o *traineur* poderá levar á meta com uma preparação, relativamente boa, o cavallo ou cavallos de que estiver encarregado.

Preparar do mesmo modo tanto o cavallo bem apumado como aquelle que tem maus apumos, tanto os animaes de boa genealogia como aquelles que a não tem, tanto, emfim, as compleições debeis e delicadas como as mais robustas organisações, além de ser na maior parte dos casos um trabalho improprio, traria a ruina prematura de um grande numero de animaes. Mais vale, como diz o *sportsman* Tonehengue, ter-se um cavallo com meia preparação, e são, especialmente, das quatro pernas e pulmões, do que um animal bem preparado mas doente e que coxêe a cada passo. É preciso, portanto, que o *traineur* alveite com escrupulo os animaes, procurando ao mesmo tempo informar-se do que foram e o que fizeram os seus antepassados.

Vem a proposito citarmos um exemplo que provará sobejamente que, transmittindo-se por via de geração certos defeitos, é preciso indagar bem se os pais ou avós de um cavallo soffreram molestias que se possam transmittir; porque ainda que se não manifestem logo, lá apparecem a seu tempo, quer espontaneamente, quer provocadas por um pequeno excesso de trabalho.

A egua Bellione de que fomos proprietarios e que correu sempre sob as nossas côres — azul e oiro — sendo filha de um puro sangue, Little-boy, que tinha as mãos com signaes evidentes de ter levado fogo, apresentou, depois de um anno de corridas, todos os defeitos que parece ter tido o seu reproductor. Penalisava vôr que um animal, tambem proporcionado e de tão bom sangue, não podesse aguentar um meio galope sem coxear horivelmente; mas o facto dava-se, e era a consequencia das muitas exostoses que lhe circumdavam as canellas, e que provavelmente lhe sobrevieram mais por hereditariedade do que provocadas pelos exercicios. Ainda assim, se este bello animal, que nos seus primeiros tempos não apresentava uma só borbulha nas canellas, a ponto de serem tão lisas e tão finas como as de uma corça, tivesse sido preparado com a necessaria cautela e em vista dos defeitos de seu pai, é de crêr que, além de se conservar mais tempo são, ganhasse um bem maior numero do corridas do que afinal ganhou.

Como este muitos outros exemplos poderiamos apresentar, para fazer compenetrar os *traineurs* de que todo o cuidado é pouco com a preparação dos corredores; mas como o exemplo é frisante, julgamo-nos dispensados de o fazer recomendendo apenas que os exercicios, bem como os suadouros, pur-

gantes, e, emfim, todos os processos que constituem o *training*, deverão ser proporcionados não só ás condições em que se encontrem os proprios animaes, mas com relação áquellas em que viveram os seus maiores. Alveitar, inspeccionar, observar sob todos os pontos de vista os animaes corredores, deverá ser para o *traineur* intelligente um dos seus primeiros e mais assíduos cuidados.

Postas estas ligeiras considerações, vejamos como se deverá pôr um poldro serril em estado de correr na primavera dos seus tres annos — idade em que, segundo o nosso codigo, são pela primeira vez admittidos em corridas publicas os cavallos portuguezes. Não nos occuparemos da preparação dos cavallos de maior idade, porquanto, julgando-a com pequenas modificações sujeita ás mesmas regras e principios, evitaremos assim as repetições que se tornam sempre fastidiosas.

Suppondo, portanto, que se recolhe um poldro de trinta mezês, perfeitamente serril, mas que foi bem alimentado e convenientemente arraçoadado desde o seu nascimento, como o devem ser todos os cavallos que se destinam a correr, pois do contrario nunca poderão dar nada, a primeira coisa que ha a fazer é ensinal-o convenientemente para que possa obedecer ao cavalleiro.

É ordinariamente em agosto, e o mais tardar em setembro, que se deve montar o poldro que tem de correr na seguinte primavera. Poderá mesmo ensinar-se mais cedo, se acaso se apresenta com forças e bem disposto; mas deixar para mais tarde a sua educação seria prejudicar-lhe a preparação, que tem de ser longa, gradual e progressiva, attendendo a que é preciso habituar pouco a pouco os ossos, musculos, articulações, pulmões, etc., a um trabalho que lhe é inteiramente novo, que não pôde deixar de ser rude e que, por isso mesmo, demanda mais tempo e cuidado do que se o organismo já a elle estivesse habituado.

Emquanto se ensina, não se pôde preparar. E comquanto o ensino do cavallo de corridas seja muitissimo simples, pois reduz-se unicamente a familiarisar o animal com o cavalleiro e com as *ajudas* que determinam o andamento do passo, do trote e do galope e que o regulam e dirigem, ainda assim não se pôde deixar de gastar algum tempo para confirmar o animal na obediencia ao cavalleiro. Ora quando se gasta com o ensino o tempo que é dado á preparação, torna-se esta mais curta e portanto prejudicial ao mecanismo animal. Por isso voltamos a dizer que a educação do poldro, que tiver de correr aos

tres annos, deverá começar, pelo menos, com sete mezes de antecipação, para que, completando-se dentro de trinta dias como de ordinario succede, os seis mezes restantes sejam destinados á sua preparação.

Para se pôr um poldro serril no estado de ensino em que acabamos de fallar, isto é, em estado de consentir o cavalleiro, de o comprehender e de lhe obedecer, proceder-se-ha como vamos vêr: primeiramente, e para levar o animal a deixar-se enfrear sem repugnancia, deverá sujeitar-se com um cabeção bem estofado, mettendo-lhe em seguida a cabeçada de bridão, cujo bocado será envolvido em estopas untadas de mel, o que torna o ferro menos frio e mais saboroso.

O instructor, depois de assim ter preparado a cabeçada, que segura com a mão direita conjuntamente com as redeas, colloca-se do lado esquerdo do poldro, e, passando a prisão do cabeção por entre as faceiras da cabeçada, pega no bridão com a mão esquerda, encosta-o á bocca do animal, fazendo-a abrir pela pressão do dedo pollegar sobre a parte esquerda do beijo inferior de encontro aos assentos ou barras. É n'este momento que o instructor deve puxar a cabeçada na direcção do topete e introduzir o bridão na bocca do animal, terminando por lhe metter as orelhas na parte da cabeçada comprehendida entre a testeira e a cachaceira.

Quando os cavallos são enfreados com a brandura necessaria e, como acabamos de dizer, não costumam apresentar a menor resistencia, não sendo mesmo preciso o emprego do cabeção, mórmente se houver o cuidado de envolver o bocado em estopas untadas de mel, como atraz dissemos, e de que elles gostam immenso. Um poldro deverá considerar-se bem enfreado logo que o bridão não chegue aos dentes culmilhos nem arregasse os cantos da bocca.

Depois de se repetir esta operação, com o que nada se perde, colloca-se o poldro junto á teia do picadeiro de modo que dê a esquerda ao lado de dentro, e trata-se de lhe deitar o sellim, o que se fará com a maxima cautela, pois qualquer falta que haja n'este sentido póde occasionar defezas e accidentes gravissimos.

Portanto, para sellar um poldro pela primeira vez, deverá começar-se por preparar o sellim encruzando sobre elle os loros e as silhas, para que não fiquem ao dependuro e lhe batam no ventre ou nos ilhaes, o que poderia espantal-o e levar-o a atirar com tudo pelos ares. O instructor aproxima-se então da espadua esquerda do animal, mostra-lhe o sellim para

que o veja e examine á sua vontade, assenta-lh'o em seguida sobre o dorso, não o deixando todavia das mãos sem que uma terceira pessoa, que de prevenção já deve estar do outro lado, lhe dê as silhas, que serão afivelladas sem demasiado aperto, para evitar a *congocha* e outras defezas que os cavallos costumam apresentar, quando logo ás primeiras vezes são fortemente silhados.

Pelo que respeita aos estribos, serão desencruzados de cima do sellim logo que o animal não estranhe o seu contacto. A pessoa que está á guia não deverá ser indifferente a esta operação e por seu lado concorrerá tambem para ajudar a silhar o poldro, já fallando-lhe, já distrahiendo-o com leves toques de cabeçaõ.

Depois que o poldro estiver convenientemente arreado, é preciso, não só passeal-o á mão durante alguns dias, mas dar-lhe mesmo algumas voltas á guia, para que possa saltar á sua vontade e capacitar-se de que lhe não é facil fazer voar o sellim pelos ares. Como, porém, os exercicios á guia se tornam em pouco fatigantes, especialmente para os animaes que a elles não estiverem habituados, é conveniente não os prolongar de mais. Uns quinze minutos d'este trabalho, tanto sobre a direita como sobre a esquerda, com o descanso necessario e as competentes passagens de mão, são mais sufficientes para habituar em poucos dias um poldro, não só a supportar sella, mas a deixar-se montar.

Os poldros que estiverem habituados á monta e silha terão sempre mais facilidade em receber o sellim do que aquelles que nunca foram emmantados; por isso quanto mais novos começarem a ser cobertos com mantas e capuzes, menos difficuldade terão mais tarde em se deixar arrear.

Algumas pessoas, com o fim de levarem os poldros, quando são montados pela primeira vez, a não estranharem o peso dos cavalleiros, costumam augmentar progressivamente o peso dos sellins por meio de folhas ou barras de chumbo, que mettem nos bolsos de umas mantas apropriadas, chamadas mantas de pesos, que se collocam por baixo dos suadouros das sellas, e que nas corridas servem para equiparar as forças dos differentes corredores. Outros servem-se de uns apparatus, que, apesar de nada terem de manequins, são conhecidos no estrangeiro pelos nomes de *jockey inglez*, *homem de pau*, *cavalleiro belga*, *cavalleiro hespanhol*, etc. Estes apparatus, que têm varias fórmãs e feittos mas que são a maior parte feittos de duas varas de ferro de 0^m,50 de altura em fórmã de angulo

agudo, cujo vertice se parafusa n'um silhão semelhante aos que se empregam nos cavallos de trem e de cujas pontas partem umas redeas de couro e borracha para o bridão ou freio, têm bastantes adeptos que lhes attribuem os mais surprehendedentes resultados.

Nós, que somos contrarios a todos os machinismos e a todos os processos que poderão, em verdade, maravilhar os ignorantes, mas que não servem senão para retardar a educação dos cavallos embrutecendo-os e arruinando-os, preferimos a tudo e a todos os cavalleiros de pau ou de ferro, e por melhor engendrados que sejam, o proprio e genuino cavalleiro de carne e osso. E n'esta intelligencia somos de opinião que, logo que um poldro consinta o sellim e o contacto e balanço dos loros e estribos sobre os flancos sem se impacientar, está em condições do cavalleiro lhe saltar immediatamente para cima. É claro que é preciso proceder-se com a maxima cautela não tentando nunca levar as coisas á valentona, porque do contrario seremos infallivelmente vencidos attenta a nossa inferioridade de forças.

Para se montar um poldro serril, com tal ou qual probabilidade de se evitarem accidentes desastrosos, é indispensavel que a guia do cabeção esteja uma pessoa de toda a confiança, e que saiba prevenir e desfazer qualquer defeza que porventura o animal apresente, quer distrahindo-o com leves vibrações de guia, quer corrigindo-o com toques mais ou menos fortes do cabeção. Uma segunda pessoa encarregada de segurar o estribo direito, para que o sellim se não volte ou fuja do seu lugar, procurará amparar o animal com a palma da mão esquerda ou com uma vara encostada ao flanco direito, logo que lhe presinta o intento de querer *negar a estribeira*.

Depois de tomadas todas as precauções, e de examinar se o cavallo está convenientemente arreado, isto é, se a cabeçada está posta de fôrma que a sigola não fique apertada, que o bridão não toque os culmilhos nem arregasse os cantos da bocca, que o sellim, sem demasiado aperto, deixa livres os movimentos das espaduas, ficando quatro dedos para traz das omoplatas, deve o cavalleiro aproximar-se da espadua esquerda do animal, e tomando com a mão direita as redeas, que passará para a mão esquerda conjuntamente com um punhado de crinas, calça o estribo com a ajuda da mão direita, encosta o joelho ao sellim para não tocar o animal com o bico da bota, deita a mão direita á patilha e suspende-se no estribo sem comtudo subir inteiramente sobre elle.

Em seguida, e segundo os humores de que o poldro estiver, deve o cavalleiro elevar-se até ficar em pé sobre o estribo, segurando-se igualmente á patilha e ás crinas e fazendo por flexibilisar os rins e desviar os pés da barriga do animal. Repetida que seja esta operação, tantas quantas vezes se torne necessario, para que o poldro perca o receio e se conserve socegado, pôde o cavalleiro passar a perna direita por cima da garupa, de modo que, sem a tocar, venha ganhar o assento da sella o mais rapida e suavemente que lhe fôr possível. A mão direita, depois de largar a patilha, assenta-se de chapa sobre a parte direita da maçã da sella até que o cavalleiro calce o estribo direito, que lhe será mettido no pé pela pessoa que tem tambem por missão afagar e amparar o cavallo d'este lado. Uma vez sobre a sella deve o cavalleiro largar as crinas, compôr as redeas e afagar o animal.

Para repetir esta operação, como se torna necessario, é claro que é preciso desmontar, o que se fará procedendo-se inversamente, quer dizer, toma-se com a mão direita um punhado de crinas que se passam para a mão esquerda; apoia-se a palma da mão direita sobre a maçã da sella; descalça-se o estribo direito; roda-se com a perna direita por cima da garupa, sem a tocar, até que os calcanhares se encontrem; deita-se a mão á patilha; fica-se alguns instantes n'esta posição; faz-se um quarto de rotação sobre o estribo; apoia-se o pé direito em terra; larga-se a patilha e descalça-se o estribo; soltam-se finalmente as crinas e as redeas, afagando muito o animal, para voltar a montar e desmontar ainda algumas vezes.

Só procedendo-se d'esta fôrma, quer para montar quer para desmontar, é que se pôde alcançar um resultado duplamente satisfatorio, e que salvaguardará de muitissimos accidentes tanto o cavalleiro como o cavallo. É d'estas primeiras lições que depende, de ordinario, o bom aproveitamento e ensino dos animaes, e por isso nunca o cavalleiro deixará de lhes ligar a maxima importancia e attenção.

Logo que o poldro se conforme com o peso adicional do cavalleiro, logo que se deixe montar e desmontar sem receio nem resistencia, o que facilmente se obtem se acaso os exercicios tiverem sido bem dirigidos, deverá immediatamente metter-se a passo em volta do picadeiro. Como, porém, é de todo impossivel que um poldro possa logo ás primeiras vezes que é montado comprehender as intenções do cavalleiro e obedecer-lhe ás *ajudas*, torna-se absolutamente indispensavel que a

pessoa, que está ao cabeção, o conduza indicando-lhe por ligeiras tracções de guia o camiinho a seguir. E assim essa pessoa, que nós supponmos dotada de paciencia e dos conhecimentos necessarios para prevenir ou desfazer qualquer defeza, deverá fazer frente ao animal puxando-o a si, para o levar a dar um primeiro passo, em seguida dois, depois tres e assim successivamente.

Á medida que o poldro se desenganar a seguir passo a passo a pessoa que o conduz, obedecendo ás tracções da guia, a que a principio se não dará mais do que um metro de comprimento, mas que progressivamente se soltará até que o animal, amparado pelo chambrié, ande de per si em volta do picadeiro, deve o cavalleiro fazer-lhe sentir pouco a pouco as pernas e as redeas, para que vá começando a conhecer e a comprehender estas *ajudas*.

Quando um cavallo começa a comprehender o que se quer exigir d'elle, e marcha sem resistencia sobre a direita e esquerda, fazendo regularmente as passagens de mão — exercicios em que será ajudado, não só pela pessoa que segura a guia e maneja o chambrié, como pelo proprio cavalleiro — póde então supprimir-se o cabeção para que se vá habituando a trabalhar sem o seu auxilio.

A pessoa que está a pé poderá, e segundo as circumstancias o exigirem, ou seguir atraz do poldro amparando-o com o chambrié, ou marchar adiante d'elle para lhe servir de guia. N'este ultimo caso será bom que se esconda o chambrié para que o animal se não assuste e marche francamente para diante. Á medida que os progressos se forem apresentando deverá o cavalleiro dispensar os ajudantes, fazendo por dirigir de per si o ensino do seu cavallo — sempre com a maxima paciencia e cautela — para evitar as defezas, que são mais faceis de prevenir do que de remediar.

Se os exercicios á guia, que nós consideramos vantajosos sob o ponto de vista de acalmar os animaes irritaveis e de lhes fazer perder as cocegas, que muito naturalmente os arreios lhe produzem as primeiras vezes, tiverem sido bem dirigidos, poucas lições serão precisas para que um poldro ande a passo, volte em todas as direcções e pare immediatamente, logo que o cavalleiro lhe faça sentir a sua vontade pelos meios competentes.

Como o fim das primeiras lições é familiarisar o cavallo com o cavalleiro e com as *ajudas* que provocam, dirigem e regulam o andamento do passo, torna-se necessario que os

exercícios se façam, o mais a direito que fôr possível nos picadeiros rectangulares, ou sobre a maxima circumferencia nas pistas circulares. Os cantos, voltas e passagens de mão, fazem-se sempre levando os poldros a descreverem arcos de circulo relativamente grandes, porque do contrario, não tendo ainda adquirido a flexibilidade necessaria para voltearem curto, poderão começar por resistir e acabar por defender-se, o que por todos os modos se deverá evitar.

As *ajudas* de que o cavalleiro se serve para pôr o seu cavallo em movimento são, como já tivemos occasião de dizer, as pernas, uma ligeira inclinação do busto para diante, o estalo de lingua, o chicote ou vara. As pernas provocam, pela sua pressão sobre os flancos, o movimento progressivo. A inclinação do busto, deslocando o centro de gravidade no sentido do movimento, concorre por isso para a sua execução. O estalo de lingua aviva o cavallo e secunda a acção das pernas. O chicote estimula o animal preguiçoso e pouco sensível ao contacto das pernas e provoca não só o movimento progressivo quando é applicado sobre os flancos, mas aligeira a antemão e fal-a mudar de direcção logo que se empregue sobre as espaduas. O chicote é além de tudo um magnifico tira teimas. Pelo que respeita ás redeas, servem ellas para diminuir o movimento, para o suspender inteiramente, e, emfim, para o regular e dar-lhe todas as direcções.

É da acção harmoniosa das *ajudas* que depende o bom andamento do cavallo tanto a passo, como a trote, como a galope; por isso quando se põe um poldro em movimento, e para lhe dar uma idéa do que se pretende fazer-lhe executar, é preciso que o cavalleiro harmonise as *ajudas* de modo que, afinadas pelo mesmo tom, concorram todas, ou sómente aquellas que forem necessarias, para lhe dar o andamento desejado, que deve ser igual, justo e unido. E assim, para levar um poldro a marchar a passo, deverá o cavalleiro unir-lhe com igualdade e pouco a pouco as duas pernas, inclinar ligeiramente o corpo para diante, dando-lhe ao mesmo tempo a mão e o competente estalo de lingua.

A cooperação d'estas quatro *ajudas*, que supomos applicadas com toda a brandura e decernimento, deve levar o poldro a mover-se para diante, visto ser esta a unica direcção para que convergem todas as forças impulsivas do cavalleiro. Se o animal se não decide a tomar promptamente o passo nem por isso o cavalleiro se impacientará, e esperará que as *ajudas* applicadas pela segunda, terceira ou quarta vez, ao que po-

derá juntar-se um pequenissimo toque de chicote sobre o flanco direito, o estimulem a marchar ao passo. No caso do poldro não corresponder ainda ás intenções do cavalleiro, o que não admira porque os animaes tambem não nascem ensinados, será bom ajudal-o com o chambrié, mostrando-lh'o primeiramente, para lhe chegar em seguida duas pequenas tripadas se tanto fôr necessario.

Desde o momento que o poldro se resolve a dar algumas passadas, e ou seja estimulado pela pessoa que maneja o chambrié ou só pelo cavalleiro, é conveniente afagal-o e amparal-o com as redeas para que se não precipite bruscamente para a frente. É claro que o amparo das redeas nem deverá paralyzar a acção que provoca o andamento do passo, nem tão pouco terá por fim collocar em boa posição a cabeça do animal, o que se irá alcançando pouco a pouco e á medida que as lições se repetirem. As paradas amiudadas são necessarias para que o animal não experimente a menor fadiga durante a lição nem tome aborrecimento ao trabalho, e determinam-se pela união equivalente das pernas e da mão do cavalleiro.

As voltas e as passagens de mão obtêm-se pela tracção das redeas directas e pelo apoio das redeas contrarias sobre a tabua do pescoço, opposta á mudança de direcção, conjuntamente com a inclinação para diante da espadua do cavalleiro igualmente opposta ao movimento. O chicote applicado sobre a espadua esquerda do animal leva-o a voltar sobre a direita, e, *vice-versa*, posto sobre a espadua direita determina a volta sobre a esquerda.

Logo que o poldro não estranhe o peso do cavalleiro e mostre conhecer o valor das *ajudas* de que acabamos de falar, sahindo bem a passo e marchando francamente em todas as direcções, poder-se-ha exercitar no trote para em seguida, e depois que este andamento fôr regularmente executado, passar a aprender o galope.

Para passar do passo ao trote, andamentos em que o cavallo, marchando sempre quadrado das espaduas e das ancas, adianta alternadamente os seus quatro pés, quer aos pares e em diagonal como succede no trote, quer uns após outros igualmente em diagonal como tem lugar no passo, deve o cavalleiro empregar as mesmas *ajudas* de que se serve para provocar este ultimo andamento, com a differença porém que as fará sentir ao animal um pouco mais accentuadamente.

As redeas, que têm por missão dirigir e graduar o trote, serão alternadamente tendidas e afrouxadas de fôrma a habituar, pouco a pouco, o animal a tomar um ligeiro apoio sobre o bridão, o que o disporá para começar facilmente os exercicios do galope. Quanto ás paradas, voltas e passagens de mão, executar-se-hão do mesmo modo como se o animal fosse exercitado ao passo, cujo andamento deve occupar, pelo menos, duas terças partes do tempo de cada lição, por isso que, longe de ser fatigante, constitue a principal base dos diferentes ramos da equitação.

Depois d'alguns dias d'este trabalho, e quando o poldro o chegue a executar regularmente em todas as direcções, poder-se-ha começar com as lições do galope, que são complemento da educação do cavallo de corridas, visto que todos os outros exercicios como ladear, recuar, piroetar, etc., lhe são prejudiciaes em razão de o predisporem para uma grande concentração de forças inteiramente contraria ao desenvolvimento da velocidade. Portanto, logo que o poldro estiver regularmente exercitado no passo e no trote, a ponto de poder alternar estes andamentos e de passar do trote curto ao trote largo e *vice-versa*, o que o torna de uma regular obediencia, é tempo de o ensinar a galopar.

Para se dar a um poldro as primeiras lições do galope é claro que o logar mais apropriado é ainda o picadeiro, sobretudo sendo circular. Esta disposição da arena, levando naturalmente o animal a aproximar do centro mais a garupa do que as espaduas, faz-lhe adiantar o bipede lateral que estiver d'este lado, o que o predispõe para começar o andamento sobre a mão correspondente, com menos difficuldade e mais justeza do que se estivesse sobre uma linha recta. As primeiras lições do galope poderão ser dadas á guia estando o cavalleiro a pé.

O mecanismo do passo e do trote exige que o cavallo, tanto ao começar como durante estes andamentos, esteja quadrado das espaduas e das ancas; para o galope, que é uma locomoção inteiramente differente e em que uma das pernas, um bipede diagonal e uma das mãos, recebem por sua vez o peso do corpo e o projectam successivamente para diante, necessita com especialidade nos primeiros tempos que o animal se atravesse um pouco, de modo que a garupa se desloque á direita, para o galope sobre a mão direita, á esquerda, para o galope sobre a mão esquerda.

Ora, como as primeiras lições do galope predispõem de

ordinario os animaes a resistirem, claro está que quanto mais naturalmente e com menos *ajudas* se collocarem na posição prévia de que resulta o galope — e a curvatura da teia dá este resultado — menos difficuldade experimentarão em principiar este andamento. Nas pistas rectangulares são as *ajudas* do cavalleiro que dão a referida posição, e nem sempre o conseguirão sem provocar resistencias, que, como já disse, são sempre mais faceis de prevenir do que de remediar.

Para dar ao poldro os primeiros exercicios do galope, deverá o cavalleiro começar por accelerar o andamento do trote até que o animal, pela impossibilidade de conter as oscillações do centro de gravidade dentro da pequena base formada pelo apoio alternado dos dois bipedes diagonaes, se veja muito naturalmente na necessidade de passar para o galope, cuja locomoção abrange muito maior espaço de terreno.

Além da curvatura da teia, que, como dissemos, colloca o cavallo nas melhores condições de galopar justo, torna-se necessario que o cavalleiro o vá pouco a pouco industriando na maneira de apreciar o valor das *ajudas* que devem determinar este andamento. E assim, suppondo que o poldro marcha a trote largo sobre a direita do picadeiro, deverá o cavalleiro cerrar-lhe um pouco mais as pernas de modo que a esquerda, apoiada um pouco mais atraz e com mais força do que a direita, concorra, de harmonia com a tensão directa da redea do bridão do mesmo lado, para dar ao cavallo a obliquidade necessaria para o galope sobre a mão direita. O estalo de lingua, e um toque de chicote sobre a espadua, ajudarão tambem a determinar o movimento. O galope sobre a mão esquerda obtem-se empregando os meios inversos.

Á medida que o poldro se fôr industriando no galope provocado pela acceleração do trote e pelas *ajudas* do cavalleiro, será exercitado a galopar partindo do trote curto, do passo e afinal de pé firme, tanto sobre um como sobre o outro lado do picadeiro, pois só assim se tornará regularmente obediante.

Para levar um poldro a passar do galope sobre a mão direita ao galope sobre a mão esquerda e vice-versa, o que em linguagem hippica se chama *passar de mão*, inverte-se o jogo das *ajudas* justamente no momento em que uma das mãos vai bater o terceiro tempo de galope. As passagens de mão fazem-se ordinariamente no centro do picadeiro, em esse ou em diagonal, segundo a arena é circular ou rectangular, e para que se tornem faceis e não provoquem alguma resisten-

cia convém que se façam a principio com toda a moderação, levando o animal a cortar o picadeiro a trote e mesmo a passo para recommear o galope sobre o outro lado. Só depois que o poldro atravessar o picadeiro sem a menor resistencia é que as passagens de mão se devem exigir do galope ao galope, isto é, sem *quebrar* o andamento.

Se o animal estiver bem confirmado na obediencia aos meios, que provocam o galope tanto sobre a mão direita como sobre a mão esquerda, é claro que, invertendo-lhe o jogo das *ajudas* precisamente no momento em que uma das mãos marca a ultima batida, a perna d'este lado ficará apta para bater primeiro em terra, começando assim um novo galope em sentido inverso do primeiro.

O mecanismo do galope normal exige, como já dissemos, que um cavallo apoie primeiramente uma perna, depois um bipede diagonal e por ultimo a mão opposta á perna, que marcou o primeiro tempo ou batida; ora suppondo que as acções do cavalleiro — perna e mão esquerdas de harmonia com a perna direita, unidas as silhas — provocaram e sustentam o o galope sobre a mão direita do animal, se no momento opportuno, que é precisamente aquelle em que a mão direita bate em terra, se inverte o jogo das *ajudas* de fôrma que a perna e redea direitas se façam sentir mais, todo o lado esquerdo do animal se adiantará e o galope sobre a mão esquerda terá logar.

As passagens de mão não devem offerecer difficuldade desde que um cavallo comprehende e distingue bem as *ajudas*, que determinam tanto o galope sobre a direita como sobre a esquerda. Mas só depois que um poldro chega a este grau de ensino é que ellas se podem exigir, pois do contrario provocarão resistencias e defezas.

Supposto se não deva abusar d'estes exercicios é comtudo muito conveniente que um poldro os chegue a executar regularmente, para que possa galopar justo e com a possivel segurança, quer sobre uma curva, quer ao dar de uma volta apertada — o que exige que o andamento se faça sobre a mão de dentro, porque, se o galope fôr falso ou sobre a mão do lado de fóra, produz-se um disequilibrio em toda a massa, que pôde dar logar a uma queda de chapa.

As passagens de mão são além de tudo necessarias para levar um cavallo a descansar aquelles de seus membros, que ao galope se apoiam separadamente e que, sustentando por momentos todo o peso do corpo, por isso mesmo se-fatigam

mais do que se a ordem das batidas se invertesse de quando em quando. É claro que dentro dos hippodromos, em que as carreiras são curtas, feitas a toda a velocidade e sobre uma mesma curva desde a partida até á meta, nunca um cavallo deverá passar de mão, para não cahir nem atrazar o andamento — salvo se, por impericia do *jockey*, tiver partido n'um galope falso ou o falsear durante a corrida. Nas caçadas e nos galopes de resistencia é que as passagens de mão, feitas com grandes intervallos, se tornam necessarias para que os cavallos possam mais facilmente aguentar os exercicios violentos e fatigantes.

Se tratassemos dos cavallos de sella propriamente ditos, ou d'aquelles que se destinam á escola, por certo que aconselhariamos o leitor a aperfeiçoar quanto possivel o ensino d'estes animaes, não os tirando do picadeiro senão quando nada deixassem a desejar; mas como nos occupamos simplesmente do cavallo corredor, cujo ensino é muito limitado, não devendo mesmo passar de um bom passo, bom trote e bom galope, somos de opinião que logo que um poldro executar regularmente os exercicios de que vimos fallando está mais que prompto para sahir do picadeiro.

Em geral, para se educar convenientemente um cavallo, qualquer que seja a sua raça e o ramo da equitação a que se destine, não ha local mais apropriado do que é o picadeiro. Mas por isso mesmo que pelo seu pequeno espaço concorre para se *quebrarem* bem os animaes, para lhes dar grande mobilidade, flexibilidade e equilibrio — o que torna cadencia-dos e mais ascensionaes do que progressivos todos os seus movimentos — não pôde deixar de ser prejudicial aos cavallos corredores, desde que, tendo adquirido o ensino necessario para obedecerem aos cavalleiros nos tres andamentos em questão, alli continuem a ser exercitados.

O desenvolvimento da velocidade nunca poderá attingir o seu mais elevado grau senão quando um cavallo estiver, como dizem os francezes, n'uma equitação *perçante*, isto é, um pouco mais sobre as espaldas do que sobre as ancas. Ora para que o organismo se predisponha a adquirir esta posição, que permite ao centro de gravidade tornar os andamentos largos e perto de terra, que são aquelles que inquestionavelmente convem aos cavalleiros de corrida, é preciso que, desde o principio, o ensino dos poldros tenda a desenvolvê-los mais detraz para diante do que debaixo para cima. Só a largueza de espaço como, por exemplo, as estradas, em que um

cavallo pôde alargar bem o passo e o trote, e os terrenos extensos e de bom piso, em que pôde dar toda a extensão ao galope, é que poderão dar aquelle resultado.

Portanto voltamos a repetir: logo que um poldro estiver em condições de obedecer regularmente ao cavalleiro deve ser tirado para a rua, sendo nos seus primeiros passeios acompanhado por um ou dois cavallos mestres, que, além de lhe servirem de guia e de o ampararem, lhe façam perder os medos, a que são propensos os animaes que não estão habituados ao bulício do mundo ou que são *passarinheiros*.

É claro que todos estes exercicios se farão progressivamente, augmentando todos os dias a distancia, até que um poldro, bem encaçado no passo, trote de quando em quando e dê uma vez por outra alguns galopes. Todo este trabalho precisa ser muito bem regulado, não só para que o animal se não arruine ou *resabie*, mas para que se vá confirmando cada vez mais na obediencia ao cavalleiro — sem o que nunca poderá tirar um bom resultado da sua preparação para correr.

(Continúa).

Guimarães — Novembro.

JOSÉ MARTINS DE QUEIROZ.